

«Porque tem ovelhinhas na camisolinha!» - a predileção do destinatário preferencial face às ilustrações dos livros premiados pelo prémio nacional de ilustração [2000-2009]

«Porque hay una ovejita en el camisolón!» – la predilección del destinatario preferencial sobre las ilustraciones de los libros galardonados con el premio nacional de ilustración [2000-2009]

«Because there is a little sheep on the jumper!» - reader preferences in relation to illustrations in children's books awarded the prémio nacional de ilustração [2000-2009]

Gabriela Sotto Mayor

gabrielasottomayor@gmail.com

Instituto da Educação - Universidade do Minho

Tipo de artigo: Original

RESUMO

Todos os referentes que acolhemos, após várias comparações, processamentos e refinamentos, resultam na nossa estética, aquilo pelo qual temos uma predileção e a que, mais vulgarmente, chamamos de gosto. Ter um ou outro gosto dependerá da quantidade e, principalmente, da qualidade do que vamos vendo e arquivando em jeito de enciclopédia de memórias de experiências estéticas. Como parte integrante de um estudo mais abrangente, este artigo pretende dar conta de como um determinado grupo de crianças expressou o seu agrado (ou desagrado) face às ilustrações dos livros distinguidos com o prémio máximo no Prémio Nacional de Ilustração, na primeira década do século XXI. Numa abordagem de carácter qualitativo, as preferências, das crianças de 5, 8 e 11 anos que tivemos a oportunidade de escutar, estiveram mais frequentemente relacionadas com questões de cor, presença de animais, proporção/desproporção e identificação pessoal.

Palavras-chave: Receção leitora; ilustração de literatura infantojuvenil; Prémio Nacional de Ilustração; Portugal; século XXI

RESUMEN

Todos los referentes que acogemos, después de ser comparados, procesados y filtrados, dan lugar en nuestra estética, aquello por lo que tenemos una predilección y que, por lo general, llamamos de gusto. La diferencia de gustos dependerá de la cantidad y, sobre todo, de la calidad de lo que estamos viendo y lo archivamos en forma de enciclopedia de recuerdos de experiencias estéticas. Como parte de un estudio más amplio, este artículo pretende mostrar cómo un grupo de niños en particular, expresaron su agrado (o desagrado) en relación a las

ilustraciones de los libros galardonados con el primer premio del Premio Nacional de Ilustración en la primera década del siglo XXI. Un enfoque de naturaleza cualitativa, las preferencias de los niños de 5, 8 y 11 años y que tuvimos la oportunidad de escuchar, fueron frecuentemente las más relacionadas con temas de color, presencia de animales, proporción /desproporción e identificación personal.

Palabras Clave: Respuesta lectora; ilustración de literatura infantil y juvenil; Premio Nacional de Ilustración; Portugal; siglo XXI

ABSTRACT

All the referents we take in, once compared, processed and refined, result in a personal aesthetics, that for which we have a preference and to what we commonly call taste. Having this or that taste will depend on the quantity and, especially, the quality of what we see and archive, a sort of encyclopaedia of memories resulting from our aesthetic experiences. As part of a broader study, this article aims to enlighten on how a particular group of children expressed their appreciation (or disgust) in relation to illustrations in children's books awarded the Prémio Nacional de Ilustração in the first decade of this century. Using a qualitative analysis approach, preferences, of 5-, 8- and 11-year-old children who we had the opportunity to listen, were most often related to color issues, presence of animals, proportion / disproportion and personal identification.

Keywords: Reader response; illustrations for Children's and young adult literature; Portuguese National Illustration Prize; Portugal; 21st century

Do refinamento interpretativo

Uma ilustração é mais do que uma simples imagem. Enquanto «representação de pessoa ou coisa»¹ a ilustração é uma imagem que tem em comum com as restantes artes plásticas as técnicas de produção e manipulação de materiais assim como a organização compositiva. Muitos ilustradores mantêm em paralelo criações no âmbito das artes plásticas produzindo, naturalmente, ilustrações fortemente influenciadas pela(s) corrente(s) estética(s) que privilegiam. Com efeito, o contacto precoce do público-alvo preferencial com obras ilustradas de qualidade seria uma primeira oportunidade de familiarização com linguagens e registos técnicos diversificados.

Tudo o que nos rodeia é comunicação. Todos os referentes que acolhemos, após várias comparações, processamentos e refinamentos, resultam na nossa estética, aquilo a que, mais vulgarmente, chamamos de gosto. Ter um ou outro gosto dependerá da quantidade e, principalmente, da qualidade do que vamos vendo e arquivando em jeito de enciclopédia de memórias de experiências estéticas. O que caracteriza este arquivo visual é a sua contínua transformação, fruto do diálogo entre imagens que se reequacionam em outras conceções e juízos estéticos. A experiência estética infantil, no que à prática literária diz respeito, ajuda a construir a própria identidade da criança, e a leitura de dois códigos em simultâneo (Colomer, 1996), resultando numa leitura dupla, enriquece a afetividade e a imaginação do leitor, assim como a sua capacidade de juízo crítico (Escarpit, 1996). Para Freitas (2006, p. 113), «os textos de literatura infantil e juvenil são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, estimulando e enriquecendo a sua imaginação através da fantasia».

As imagens que a criança tem a oportunidade de ver durante o seu processo de crescimento são cruciais para a sua formação interior e para todo o seu percurso vivencial. Assim, a criança, em contacto com os textos verbal e visual da literatura infantojuvenil ilustrada, encontra-se, à semelhança do próprio leitor adulto, num processo de aprendizagem constante e de desenvolvimento da sua capacidade

1 "imagem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=imagem> [consultado em 25-07-2012].

estética. Neste sentido, acreditamos que ela deve ter a possibilidade de conhecer obras literárias de qualidade, como o livro ilustrado ou o livro-álbum, que lhe permitam alargar os horizontes do seu imaginário, experimentando o saber/fazer necessário para poder dialogar com o mundo de forma mais consciente e livre. A construção da nossa consciência perante os outros e o mundo é moldada desde cedo.

Com a premissa de que não existe uma única interpretação para trabalhos literários, mas muitas, fruto das experiências anteriores do leitor que este devolve ao texto que está a ser lido, as suas respostas deveriam poder ser partilhadas; o confronto com pontos de vista distintos potenciará a análise das suas respostas e posterior refinamento interpretativo. Mais, em razão do desconhecimento da verdadeira intenção do(s) autor(es), cada oportunidade que o leitor tem de visitar um livro dá-lhe essa possibilidade, não só de confirmar e manter as suas prévias interpretações, mas também de produzir novo significado. Até porque, num dado momento, só são selecionados alguns pormenores para ser lidos como significado e é o referencial de cada um que o determinará. Com o tempo, ou com as informações dos colegas de partilha, a criança leitora descobrirá outros pormenores que a levarão ao equilíbrio das suas múltiplas interpretações.

Desde os anos 90 do século XX que a resposta leitora à componente visual tem sido o foco de atenção de alguns investigadores internacionais (Arizpe, E. & Styles, 2003; Kiefer, 1993; Nikolajeva, 2009; Sipe & Brightman, 2009; Sipe, 2008), no entanto, em Portugal, os estudos que contemplam a opinião e o envolvimento da criança na fruição de livros de literatura infantojuvenil (LIJ), ainda são raros (Mourão, 2012; Rodrigues, 2013; Sotto Mayor, 2012, 2015). E é precisamente neste nicho que o nosso estudo se insere.

Investigação participativa com crianças

Este artigo, uma pequena parte de uma investigação mais ampla que contribuiu para a caracterização da ilustração portuguesa contemporânea no contexto da literatura

Infantojuvenil na primeira década do século XXI (Sotto Mayor, 2015), pretende dar conta de como um determinado grupo de crianças expressou o seu agrado ou desagrado em relação aos livros premiados entre 2000 e 2009 com o Prémio Nacional de Ilustração (PNI).

Adotando uma metodologia de investigação participativa com crianças², inserida no paradigma qualitativo, pretendemos, dando oportunidade às crianças de se pronunciar (Ferreira & Sarmiento, 2008), que elas se tornassem vozes participantes, ativas e críticas sobre algo que lhes diz respeito, que é a produção de livros a elas destinados. A ingenuidade testemunhada no artigo de Coquet (2004, p. 12), intitulado «Eu gosto desta porque tem uma menina com neve na cabeça» - ensaio que analisa de forma mais ou menos aprofundada a produção artística de Manuela Bacelar - veio confirmar o nosso desejo de abraçar uma metodologia participativa com crianças.

Perfeitamente convencidos de que «o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre» (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48), deslocamos ao terreno para poder melhor compreender as (re)ações geradas pelas crianças no seu ambiente natural em contexto de sala de aula.

Com uma amostragem por conveniência (Hill & Hill, 2005, p. 49), por questões de facilidade de acesso e proximidade geográfica em relação ao local, a população deste estudo é um grupo de alunos do ensino público, do concelho do Porto e outro do ensino particular, do concelho de Santa Maria da Feira.

A opção por uma amostra pequena, de apenas seis elementos, permitiu a audição individual de todas as crianças, mesmo se, ou quando, as suas intervenções aconteceram em simultâneo. Como os livros que analisamos têm como destinatário preferencial a infância, foi este o universo selecionado. Participaram no estudo 35 crianças, repartidas praticamente de modo equitativo por cada agrupamento escolar. Participaram 17 crianças do ensino público e 18 do ensino particular. Assim, as idades escolhidas

2 Dentro dos princípios da ética deste tipo de investigação (Bogdan & Biklen, 1994), foi solicitada, por escrito, a autorização do estabelecimento de ensino e de todos os participantes, incluindo dos respetivos encarregados de educação.

foram os cinco anos - nível etário mínimo para se poder dialogar, onde os conceitos são absolutos e a sua perceção é dominada pela pregnância -, os oito anos - nível intermédio em que a concreção impera, mas há abertura para hipóteses mais abstratas - e os onze - nível etário de transição para a adolescência, em que já consideram diferentes perspetivas (Faw, 1981). Deste modo, percorremos 3 ciclos de ensino - pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos. A representatividade de género desejou-se igual em número para ambos os sexos³.

As sessões de entrevista, conduzidas com cada faixa etária separadamente, foram registadas em formato vídeo (áudio e imagem), o que permitiu apreender e associar respostas verbais a comportamentos não-verbais, assim como combinar as perceções do investigador com as dos sujeitos. Embora apoiado num guião⁴, o investigador não limitou as intervenções das crianças e estas puderam falar livremente e emitir as suas opiniões sobre os livros observados, sempre que o desejaram. A técnica de investigação adotada no desenvolvimento deste estudo foi a análise de conteúdo.

Foram conduzidas 2 sessões de entrevista por cada grupo etário onde se apresentaram 5 livros premiados de cada vez. Na primeira sessão apresentaram-se os livros vencedores da primeira metade da década - *Estranhões & Bizarrocos*⁵ (PNI em 2000); *A maior flor do mundo*⁶ (PNI em 2001); *Contos e lendas de Macau*⁷ (PNI em 2002); *O sonho de Mariana*⁸ (PNI em 2003) e *Come a sopa, Marta!*⁹ (PNI em 2004). E na segunda sessão apresentaram-se os livros vencedores da segunda metade do período temporal em apreço - *O quê*

3 O grupo de 5 anos foi a exceção, contando apenas com 5 elementos, por motivo de doença de uma das crianças a meio do processo.

4 A entrevista semiestruturada seguiu algumas questões orientadoras: «Qual é a capa de que gostas mais? E porquê?»; «Qual é a capa de que gostas menos? E porquê?»; «Gostas mais quando os livros têm muitas ilustrações ou quando os livros têm poucas ilustrações?»; «Sabem o que são guardas?»; «Como é que esta personagem se está a sentir?», entre outras.

5 *Estranhões & Bizarrocos [e outros seres sem exemplo]*, com texto de José Eduardo Agualusa e ilustração de Henrique Cayatte, edição Dom Quixote, vencedor do PNI em 2000.

6 *A maior flor do mundo*, com texto de José Saramago e ilustração de João Caetano, edição Caminho, vencedor do PNI em 2001.

7 *Contos e lendas de Macau*, com texto de Alice Vieira e ilustração de Alain Corbel, edição Caminho, vencedor do PNI em 2002.

8 *O sonho de Mariana*, com texto de António Mota e ilustração de Danuta Wojciechowska, edição Caminho, vencedor do PNI em 2003.

9 *Come a sopa, Marta!* com texto e ilustração de Marta Torrão, edição O Bichinho de Conto, vencedor do PNI em 2004.

que quem¹⁰ (PNI em 2005); *Histórias de Animais*¹¹ (PNI em 2006); *O rapaz que sabia acordar a Primavera*¹² (PNI em 2007); *A charada da bicharada*¹³ (PNI em 2008) e *Depressa, Devagar*¹⁴ (PNI em 2009). Este procedimento foi igual para todos os grupos etários, independentemente do agrupamento escolar a que pertenciam.

«Porque tem ovelhinhas na camisolinha!» - o conceito estético em formação

Com o intuito de perceber o ponto de vista recetivo e crítico do grupo de crianças participante daremos conta de algumas das razões que favoreceram a manifestação de preferências por parte das crianças em relação a algumas ilustrações, presentes nos livros do *corpus*.

Em resultado não só da sua natureza, mas também das perguntas orientadoras do investigador, que incidiram sobre gostarem ou não do que estavam a observar, as respostas das crianças tiveram muito de «identifying something the child liked in the picture» (House & Rule, 2005, p. 290).

Cor

Um das vezes o importante era apenas a presença de cor, outras vezes era a presença de certas cores que determinava a predileção por um livro ou página. Para a Kitty¹⁵ (5 anos), para a Mafalda e para o Bernardo (5 anos), a mera presença



Imagem 1 - Décima segunda página dupla do livro *A Charada da Bicharada*, com texto de Alice Vieira e ilustrações de Madalena Matoso, Texto, 2008.

de cor já era um fator promotor de gosto. A Kitty comentou que gostava de uma determinada página dupla (onde a zebra se encontrava escondida) (ver Imagem 1), do livro *A charada da bicharada*, «porque tem muitos carros com cor» e o Bernardo também referiu gostar do mesmo livro «porque é às cores».

Para o Pépe e para a Renata (8 anos) ser «colorido» também foi a razão para gostarem mais da capa daquele livro. A Márcia (11 anos) também gostou «deste porque tem muitas cores [...]».

A Manuela (8 anos) preferiu o livro *A charada da bicharada* não só «porque tem mais cores», mas também «porque tem muito mais cor e mais alegria e está com mais cores alegres, cores giras, essas coisas».

Já para o Ivo (8 anos), a contracapa do *Depressa, Devagar* era a sua preferida, porque achou «engraçado o cão vermelho. Acho engraçado e... acho só isso, só isso».

Para a Inês (11 anos) a capa predileta foi a do livro *Estranhões & Bizarrocos* «porque tem uma junção de cores que parece que combinam mesmo, tanto a ilustração como a pintura», mas a contracapa desse mesmo livro foi a que menos lhe agradou porque «tem muito pouca cor. Aliás, não é pouca cor. Na parte da frente era mais escuro e aqui é mais claro...»

10 *O quê que quem* - notas de rodapé e de corrimão, com texto de Eugénio Roda e ilustração de Gémeo Luís, edições Eterogémeas, vencedor do PNI em 2005.

11 *Histórias de Animais de Rudyard Kipling*, com texto de Rudyard Kipling e ilustração de Teresa Lima, edição Ambar, vencedor do PNI em 2006.

12 *O rapaz que sabia acordar a Primavera*, com texto de Luísa Dacosta e ilustração de Cristina Valadas, edições Asa, vencedor do PNI em 2007.

13 *A charada da bicharada*, com texto de Alice Vieira e ilustração de Madalena Matoso, Texto Editores, vencedor do PNI em 2008.

14 *Depressa, Devagar*, com texto de Isabel Minhós Martins e ilustração de Bernardo Carvalho, edição Planeta Tangerina, vencedor do PNI em 2009.

15 Os nomes que aqui aparecem não são os nomes próprios das crianças mas sim aqueles por elas escolhidos. Previsivelmente, alguns nomes surgiram menos convencionais que outros.

(ver Imagem 2). O facto de a contracapa, em oposição à capa toda ilustrada, ser em fundo branco digital com o texto da sinopse grafado a preto pareceu-lhe insuficiente, «pois, não tem nada. Só tem isto [as letras da sinopse]». A sua colega Diana (11 anos) reforça esta opinião dizendo que «se está o fundo branco... ponto número um: não devia estar o fundo branco, nem que fosse o fundo - *ruído* - mas branco não». O Daniel (11 anos), do mesmo grupo, sugere que, como «a cor não é muito apelativa, devia ter uma cor escura conforme a parte da frente e devia ter imagens». Mais um reforço para a estranheza que sentiram entre a capa e a contracapa do livro *Estranhões & Bizarrocos*.



Imagem 2 - Capa e contracapa de *Estranhões & Bizarrocos*, com texto de José Eduardo Agualusa e ilustrações de Henrique Cayatte, Dom Quixote,

O exemplo que se segue vem confirmar que o mesmo livro pode provocar reações diferentes nos seus leitores. Com 5 anos, a Mafalda disse gostar mais do livro *Depressa, Devagar* «porque tem muitas cores», no entanto, a Mariana, de 8 anos, diz não gostar deste livro porque «este não tem cores alegres» (ver Imagem 3). Mas para o JP (8 anos) a contracapa daquele livro é do seu agrado «porque tem umas cores bonitas».

A Diana (11 anos) também gosta do livro *Depressa, Devagar* porque, «além de ter uma combinação de cores muito bonita [na capa], os desenhos [do miolo] são do género... têm cores diferentes na sombra [...]».

Foi interessante notar que as respostas da Mafalda (5 anos) se mantiveram fiéis ao seu fascínio pela cor, e pelo livro *Depressa, Devagar*, especificando, em outros comentários,



Imagem 3 - Capa de *Depressa, Devagar*, com texto de Isabel Minhós Martins e ilustrações de Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina, 2009.

quais as cores que a cativavam. Gostava mais da contracapa daquele livro «porque tem as cores do arco-íris, o verde e o azul...» e, quando levada a escolher, entre todos os livros do *corpus*, manteve a sua preferência «porque tem o vermelho, o cor-de-rosa e o branco...», referindo-se ao miolo. A contracapa d'*A charada da bicharada* foi do agrado da Jéssica e da Manuela (8 anos), do mesmo grupo, ora «porque tem a cor azul e o rabo vermelho», ora porque tem a cor de que mais gosta, o «azul», respetivamente. Em concordância com esta última afirmação, a Manuela também preferiu a contracapa do livro *Contos e lendas de Macau* porque «gost[a] da cor do azul [do fundo]».

Uma mesma cor no mesmo livro pode suscitar comentários antagónicos em crianças diferentes. O livro *O quê que quem*, com desenhos a preto sobre fundo branco (ver Imagem 4), é o que (tem a contracapa que) mais agrada à Catarina (5 anos). Ela comenta que gosta de «um assim com coisas pretas - usa os dedos para percorrer as linhas finas do desenho - e com esta coisa branca [o fundo] (...)» e, para a Inês (11 anos), este é o seu livro favorito, porque é «quase sem cor, [e] o desenho é todo preto».

Mas, a maioria responsabiliza a cor pelo seu desagrado, apontando o livro *O quê que quem* como o menos favorito: «Porque [o livro] tem coisas escuras» já não é do agrado do Bernardo (5 anos). O mesmo acontece com todo o grupo de 8 anos da escola pública e com muitos alunos do grupo de 11



Imagem 4 - Capa de *O quê que quem*, com texto de Eugénio Roda e ilustrações de Gémeo Luís, Eterogémeas, 2005.

anos do mesmo estabelecimento de ensino. Salientando os comentários mais relevantes deste último grupo (11 anos), enquanto a Lara e a Joana ansiavam por «mais cor», para a Joana e para o Tiago, este livro «não tem cor nenhuma» e «o preto e o branco não é cor. Tem pouquinha cor». No grupo de 8 anos, é curioso frisar que, para a Renata, numa primeira resposta, ser «quase tudo preto» era o equivalente a «não t[er] imagens» e quando o investigador lhe pediu para elaborar a resposta percebemos que existiam imagens «mas são todas pretas», impossibilitando-lhe a percepção de «caras», o que para ela pareceu ser primordial. Também para o JP (8 anos) e para a Manuela (8 anos) «só t[er] branco e preto» era uma razão negativa mas, «não t[er] as cores mais alegres», também aumentou o seu desagrado, remetendo para a qualidade da cor.

A capa de que a Manuela (8 anos) gostou menos foi a do livro *A maior flor do mundo*, porque «tem assim uma cor castanha, uma cor castanha estranha [...]». O livro *Histórias de animais* também faz uso da cor castanha, desta vez nas guardas, com uma aplicação sólida e plana mas, embora o Daniel (11 anos) tenha dito gostar deste livro, a cor das guardas não lhe agradou e até sugeriu que «(...) tinha de ser um azul».

«Porque tem um cão vermelho» foi a resposta que a Catarina (5 anos) deu para não gostar da contracapa do *Depressa, Devagar* e como o investigador perguntou «E

o que tem, ter um cão vermelho? Explica-me» a colega Mafalda (5 anos) ajudou explicando que a Catarina «não gosta da cor vermelha».

É relevante destacar que parece importar tanto a quantidade (e.g. ter muitas cores) como a qualidade da cor (e.g. cores alegres, bonitas, ser vermelho, etc.).

Animais

Principalmente nos alunos mais novos houve alguma dificuldade na expressão do gosto, já que poucos

foram os que explicaram a razão da sua preferência. As poucas explicações dadas foram muito simples e curtas, e, para a Beatriz (5 anos), a presença de animais foi um fator promotor de gosto. Comentou que gostava do livro *O sonho de Mariana* «porque tem ovelhinhas na camisolinha [da Mariana]» - na primeira dupla - e a colega Mariana (5 anos) contribuiu alegando que «as ovelhinhas são fofas!» (ver Imagem 5). O seu fascínio por animais continuou a ser razão para gostar do livro *Come a sopa, Marta!*, desta vez «porque tem borboletas» numa determinada página e «um gatinho» noutra.



Imagem 5 - Primeira dupla do livro *O sonho de Mariana*, com texto de António Mota e ilustrações de Danuta Wojciechowska, Caminho, 2003.

A Sofia (8 anos) escolhe o livro *O rapaz que sabia acordar a primavera* «porque isto» - pássaro/peixe na capa - «parece uma baleia a voar. (...)» e «isto» - na primeira dupla azul - «parece um polvo».

Representação anatómica

Foram muitos os comentários sobre a proporção das personagens e todos, sem exceção, independentemente do grupo etário ou do estabelecimento de ensino a que pertenciam, recaíram sobre o livro *Come a sopa, Marta!*

A desproporção da personagem principal desta publicação foi muito debatida. Anatomicamente falando, as ilustrações em questão não estão perfeitas, «instead they capture the personality so crucial to creating believable characters» (Evans, 2008, p. 16).

Comecemos pelos exemplos das crianças que disseram gostar desta publicação, precisamente porque a personagem apresentava características físicas tão distintas.

O Daniel (11 anos) diz gostar mais da capa deste livro porque «é mais engraçado» (ver Imagem 6). Com um certo nervosismo na forma de se expressar, enumera as razões do seu agrado: «Porque os dentes estão todos tortos, os olhos (...). Os pés são muito pequenos...» e, nesta altura, o colega Marcelo (11 anos) interrompeu-o para o informar de que «é uma caricatura». Mas nem isso o demoveu, e o Daniel continua: «as mãos são muito pequenas, os braços estão encostados à cabeça, o cabelo é muito pequeno». Concordando plenamente, o seu colega J. P. (11 anos) continua dizendo que «ele tem uma cabeça grande. O que ela está a comer parece que está fora do prazo. Tem uns olhos gigantes, uma boca pequenina e um nariz que vem desde...» - tenta exemplificar levando a mão à testa - «quase do cabelo até ao sítio certo do nariz».

Para outras crianças estas mesmas características foram responsáveis pelo seu desagrado.

O Tiago (11 anos) escolheu a capa deste livro como a de que menos gosta e até encarou esta falta de proporção como uma ilustração mal conseguida: «porque o desenho podia ser melhor feito, bem feitinho, melhor. A cara mais

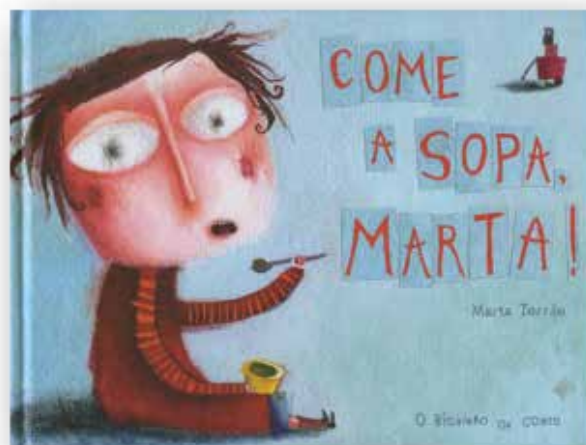


Imagem 6 - Capa do livro *Come a sopa, Marta!* com texto e ilustrações de Marta Torrão, O Bichinho de Conto, 2004..

pequenina, a colher, o corpo. Olha para os pezinhos». O Pépe (9 anos) também não gostou desta capa porque a personagem não correspondeu aos seus cânones de beleza: «porque a menina é feia. Tem os dentes pequenos, os olhos grandes e o nariz grande».

Os próximos exemplos são todos de crianças com 8 anos do agrupamento escolar particular. O Ganicho (8 anos) não gostou da capa «porque tem a cabeça maior que o corpo e o corpo devia ser maior que a cabeça...»; o PJ (8 anos) «porque ela tem o nariz muito comprido, porque ela tem as pernas muito pequeninas, as mãos muito pequeninas e o nariz parece... e os olhos muito grandes»; a Sara (8 anos) também não gostou deste último traço fisionómico apontado «porque tem os olhos muito grandes...»; para a Sofia (8 anos) ter «a boca muito pequenina e a cara (...) gigante» não corresponde aos seus ideais de beleza e, portanto, «ela é feia».

Na ótica da evolução do desenho da criança, a representação de Marta Torrão corresponde à fase do realismo intelectual/subjetivo (3/4 - 6/7 anos), ou seja, a percepção subjetiva que as crianças têm daquilo que querem representar nas suas produções gráficas sobrepõe-se ao aspeto real da pessoa ou do objeto em causa (Lowenfeld, 1977). Para os leitores de imagens da nossa amostra a relação entre as várias partes do corpo, e entre cada parte e o corpo da personagem, não era harmoniosa. O aluno que

advertiu os colegas para a possibilidade de estarem perante uma caricatura foi, talvez, dos poucos cuja interpretação mais abstrata e sensível da ilustradora não apresentou problema. No período seguinte do desenvolvimento gráfico, o do realismo visual/objetivo (8/9 - 12 anos), fase em que as crianças do nosso estudo que manifestaram o desagrado pela desproporção se encontram, a criança evidencia grande necessidade de ser fiel ao que vê e aproximar-se das representações realistas aceites pelos adultos (Lowenfeld, 1977). Com efeito, nestas idades é muito comum preferir-se aquilo que mais se assemelha ao real, com as medidas e proporções correspondentes. Por vezes, a sua expectativa em relação ao que o ilustrador, um adulto, cria parece só permitir imitações da realidade objetiva. Tudo o que se desviar desta premissa poderá, como se confirmou, *estar mal feito* ou *parecer feito por crianças*, quando desenhadas por um adulto de quem as crianças pensam dever esperar conhecimentos mais aferidos.

Identificação pessoal

Reiteramos que a nossa apreensão e posterior compreensão de algo novo encontra-se sempre contaminada pelos nossos referentes, sendo estes os responsáveis pelos juízos de valor que fazemos a todo o instante (Sotto Mayor, 2012). Um pouco à semelhança do impulso pessoal de Sipe (2000), segundo o qual o leitor se liga à estória por via de experiências pessoais, o mesmo acontece neste critério de gosto. Concretamente, nesta secção apresentamos exemplos em que as crianças exprimiram o seu agrado, ou não, influenciadas por experiências pessoais passadas.

A Mafalda (5 anos) escolheu como capa preferida a do livro *O sonho de Mariana*, «porque eu e a minha irmã Mariana, um dia, quando o meu pai tinha o carro fomos ver animais e havia um pássaro que tinha um bico amarelo» e naquela capa figurava um pássaro com aquelas características (ver Imagem 7).

Já a Lara (11 anos), do mesmo estabelecimento de ensino, escolheu a contracapa desta publicação como a sua preferida porque lhe faz «lembrar quando (...) era pequenina e quando brincava àqueles brinquedos mais infantis». Em sintonia,



Imagem 7 - Capa do livro *O sonho de Mariana*, com texto de António Mota e ilustrações de Danuta Wojciechowska, Caminho, 2003.

e reforçando a opinião da Lara, a colega Joana (11 anos), escolhe a mesma contracapa dizendo que «o livro que eu escolhi foi este porque como [o Ricardo (11 anos)] disse, ele falou há bocado em canalhada e ele também já foi criança, pronto, e ele de certeza que brincava com os carros e isso. E nós também já fomos, por isso como a Lara disse também faz-me lembrar quando éramos pequenos». O Miguel (11 anos), do mesmo grupo, não só está influenciado pelo seu passado como prevê influenciar as gerações vindouras. Ele prefere a contracapa do livro *Come a sopa, Marta!* «por duas coisas, quando era bebé comia a sopa, isto fez-me lembrar antigamente. E gerações futuras dos meus filhos, dos meus netos, dos meus bisnetos, dos meus trisnetos... Comerão. Se existirem».

A presença de animais e/ou de (muita ou pouca) cor, a representação anatómica não realista e a identificação por via de experiências pessoais passadas foram os motivos mais frequentes para as crianças participantes expressarem o seu apreço, ou não, por uma ou outra ilustração, das várias

que tiveram oportunidade de conhecer.

Em menor número, questões de sentimentos (e.g. Joana (11 anos): «Porque me faz lembrar algo tipo felicidade... [...] vê-se que ele está a correr e está feliz»), o conceito estético (e.g. Sofia (8 anos): «Porque ela é bonita»), a constatação da diferença (e.g. Mariana (8 anos): «Eu também gosto deste, e acho piada, porque eu acho que nunca vi uma, é raro ver meninas a brincar com carrinhos»), a presença de olhos verdes (e.g. Bernardo (5 anos): «porque tem aqui...porque tem os olhos cor da relva»), a percepção de movimento (e.g. Tomás (5 anos): «Porque ele vai a escorregar...»), são alguns, outros, motivos apontados.

Conclusão

Perceber e interpretar os indícios disponíveis nas linguagens verbal e visual depende de quem somos, de onde estamos, do que conhecemos, do que os códigos têm que precisamos, e como nos relacionamos com todas essas variáveis numa determinada circunstância temporal. Com efeito, as experiências multisensoriais pré-adquiridas influenciaram o gosto de algumas crianças, assim como o estágio de desenvolvimento em que se encontravam moldou as suas opiniões.

A falta de vocabulário específico na área das artes como consequência, por exemplo, da falta de familiaridade com obras ilustradas, deu origem a respostas pouco desenvolvidas e aprofundadas, dotadas de uma certa ingenuidade. A preferência das crianças manifestou-se por coisas simples, elementos soltos que se podem encontrar em qualquer livro de LIJ, independentemente do modo como as imagens lhes foram apresentadas. A diversidade plástica foi identificada por alguns, comentada por vezes, mas nunca foi referida como razão para (des)agrado. A própria originalidade do ilustrador - a forma como respondeu ao estímulo da componente verbal - não foi sequer reconhecida. Com efeito, o traço ou marca autoral de cada ilustrador não interferiu nas escolhas estéticas das crianças.

No geral, a cor, a identificação por via das vivências pessoais passadas de cada um, a presença de animais e a

representação anatómica não realista orientaram, mais frequentemente, as preferências das crianças.

Em particular, a cor revelou-se um fator deveras relevante, uma vez que a maioria dos comentários de apreço ou desagrado aconteceram, precisamente, em relação direta com esta dimensão. A quantidade (e.g. ter um jogo cromático plural ou, ao invés, apresentar uma paleta minimal) e/ou a qualidade das cores (e.g. a sua natureza intensa ou, em oposição, a sua falta de vigor) de cada página contribuiu de sobremaneira para as diferentes apreciações.

Na generalidade, apesar de nem todas as publicações analisadas terem as suas personagens com características físicas aproximadas da realidade objetiva, a representação anatómica não realista - em que há desproporção exacerbada de determinadas partes do corpo - não foi do agrado das crianças participantes, independentemente do grupo etário ou do estabelecimento de ensino a que pertenciam.

Este artigo aflorou uma pequena parte do estudado sobre receção leitora com crianças face a livros ilustrados de LIJ. A temática tampouco se esgota aqui. É importante perceber de que forma o público preferencial responde às publicações a si destinadas e a relevância do impacto na sua formação estética. Esperamos, deste modo, ter contribuído, humildemente, para alertar a comunidade de especialistas e não-especialistas, mediadores de leitura e demais interessados em ilustrações de literatura infantojuvenil sobre esta questão.

Referências Bibliográficas

- ARIZPE, E. & STYLES, M. (2003). *Children reading pictures: Interpreting visual texts*. London: RoutledgeFalmer.
- BOGDAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- COLOMER, T. (1996). El Álbum y el Texto. *Peonza: Revista de Literatura Infantil Y Juvenil*, 39, 27–31. Retrieved from http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/peonza-revista-de-literatura-infantil-y-juvenil--87/html/02737ed2-82b2-11df-acc7-002185ce6064_25.htm.
- COQUET, E. (2004). Eu gosto desta porque tem uma menina com neve na cabeça. *Solta Palavra*, 6, 12–16. Retrieved from <http://www.criilij.com/>

Solta-Palavra/soltapalavra6.html#/2/

ESCARPIT, D. (1996). La ilustración en libros infantiles y juveniles. *Peonza: Revista de Literatura Infantil y Juvenil*, 39, 14–21. Retrieved from <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/13505054325249274754491/ima0010.htm>

EVANS, D. (2008). *Show & Tell: exploring the fine art of children's book illustration*. San Francisco: Chronicle Books.

FAW, T. (1981). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Mcgraw-Hill.

FERREIRA, M., & Sarmento, M. J. (2008). Subjectividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. *Revista Electrónica de Pesquisa*, 2(2). Retrieved from http://www.reveduc.ufscar.br/index.php?option=com_content&task=view&id=53&Itemid=50

FREITAS, E. R. S. S. (2006). O verosímil e o fantástico no texto dramático. In A. Mesquita (Ed.), *Mitologia, tradição e inovação: (Re)leituras para uma nova literatura infantil* (pp. 113–120). V.N.Gaia: Gailivro.

HILL, M. M., & HILL, A. (2005). *Investigação por questionário* (2nd ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

HOUSE, C. a., & RULE, A. C. (2005). Preschoolers' Ideas of What Makes a Picture Book Illustration Beautiful. *Early Childhood Education Journal*, 32(5), 283–290. doi:10.1007/s10643-004-1022-7.

KIEFER, B. (1993). Children's responses to picture books: a developmental perspective. In K. E. Holland, R. A. Hungerford, & S. B. Ernst (Eds.), *Journeying: children responding to literature* (pp. 267–283). Portsmouth: NH., Heinemann.

LOWENFELD, V. (1977). *A criança e sua arte (um guia para os pais)*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

MOURÃO, S. (2012). *English picturebook illustrations and language development in early years education*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro.

NIKOLAJEVA, M. (2009). Visual Literacy and the Implied Readers of Children's Picturebooks. In M. H. Borges (Ed.), *Formar leitores para ler o mundo* (pp. 57–64). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Retrieved from <http://www.leitura.gulbenkian.pt/naoperca/FormarLeitores2009.pdf>

RODRIGUES, C. (2013). *Palavras e imagens de mãos dadas: A arquitetura do álbum narrativo em Manuela Bacelar*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro.

SIPE, L. (2000). The construction of literary understanding by first and second graders in oral response to picture storybook read-alouds. *Reading Research Quarterly*, 35(2), 252–275.

SIPE, L. (2008). Young children's visual meaning making in response to picturebooks. In J. Flood, S. B. Heath, & D. Lapp (Eds.), *Handbook of*

research on teaching literacy through the communicative and visual arts. New York: Lawrence Earlbaum Associates.

SIPE, L., & Brightman, A. (2009). Young Children's Interpretations of Page Breaks in Contemporary Picture Storybooks. *Journal of Literacy Research*, 41, 68–103. doi:10.1080/10862960802695214.

SOTTO MAYOR, G. (2012). «Soup Isn't Like That, Soup's Yellow» - Children's Responses to Illustrations as a Result of their Visual References. In *Conferência Internacional em Ilustração e Animação* (IPCA., pp. 347–358). Ofir.

SOTTO MAYOR, G. (2015). *Ilustração de livros de Literatura Infantojuvenil em Portugal [2000-2009]: tipificação, tendências e padrões de recetividade do público-alvo*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.